

A MAPOTECA DO IHGRGS

Nesta edição de nossa revista, que trata dos episódios que assolaram o Rio Grande do Sul no ano de 2024, a seção “Documentação” se propõe a apresentar ao público um dos mais relevantes acervos de nossa instituição, a sua mapoteca. Formada por aproximadamente mil itens, que registram informações sobre todos os lugares do planeta, a coleção de mapas do IHGRGS é uma das mais importantes de nosso estado, na medida em que permite desvendar localidades em sua perspectiva história e suas dimensões físicas ao longo do tempo.

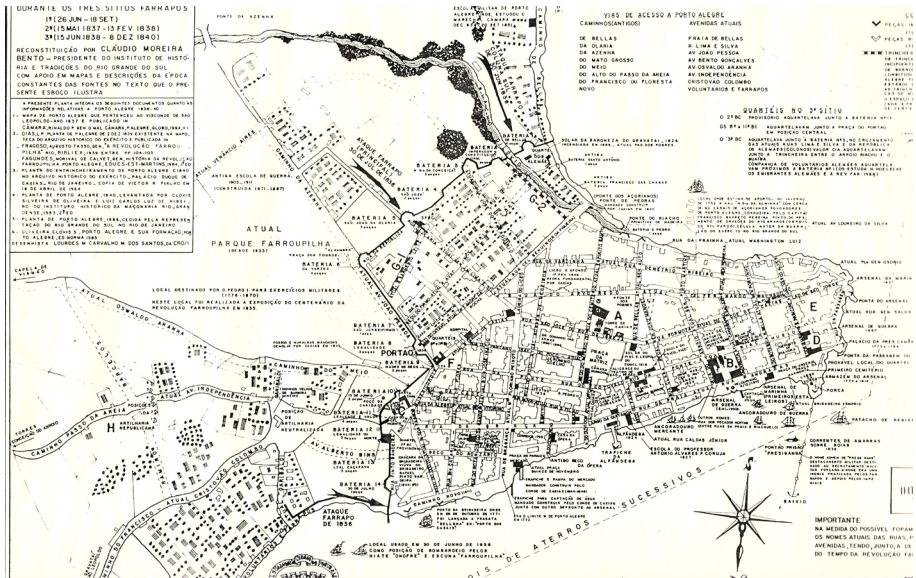
Como se sabe, a produção de mapas foi importante fator de promoção do conhecimento ao longo dos séculos. A trajetória da humanidade ao longo do território, na mesma medida em que se realizou como parte de um modelo de civilização, exigiu o registro sistemático desses deslocamentos, para garantir o retorno em segurança ao ponto de partida, como também para permitir se refazer uma determinada rota. Mapas e plantas de locais desconhecidos ou daqueles que se dispunha a ser mais visitados foram essenciais para essa condição da humanidade. Assim, foram produzidos milhares de documentos que continham as mais diversas informações a respeito de regiões, países, municípios, espaços de convívio ou mesmo uma determinada fração de um território.

A mapoteca do IHGRGS foi sendo formada, ao longo dos anos, a partir de doações obtidas de várias instituições e também pelo acréscimo decorrente das atividades realizadas por seus membros, tais como Afonso Guerreiro Lima e Raphael Copstein. Nesse acervo, podemos consultar registros relacionados aos continentes, ao território brasileiro e localidades em outros países, mas a centralidade, por evidente, está no registro de dados sobre o Rio Grande do Sul e seus municípios. Ao longo dos seus mais de cem anos de atuação, o IHGRGS, por sua mapoteca, já apoiou diversas pesquisas e produções acadêmicas, permitindo que o conhecimento sobre o território se tornasse cada vez mais relevante.

Para termos uma visão panorâmica sobre esse importante acervo, vamos destacar três itens, que dialogam com duas dimensões do trabalho com esses registros. São plantas que refletem episódios tão distintos quanto expressivos na história do Rio Grande do Sul, e que dialogam com o atual momento de nosso estado.

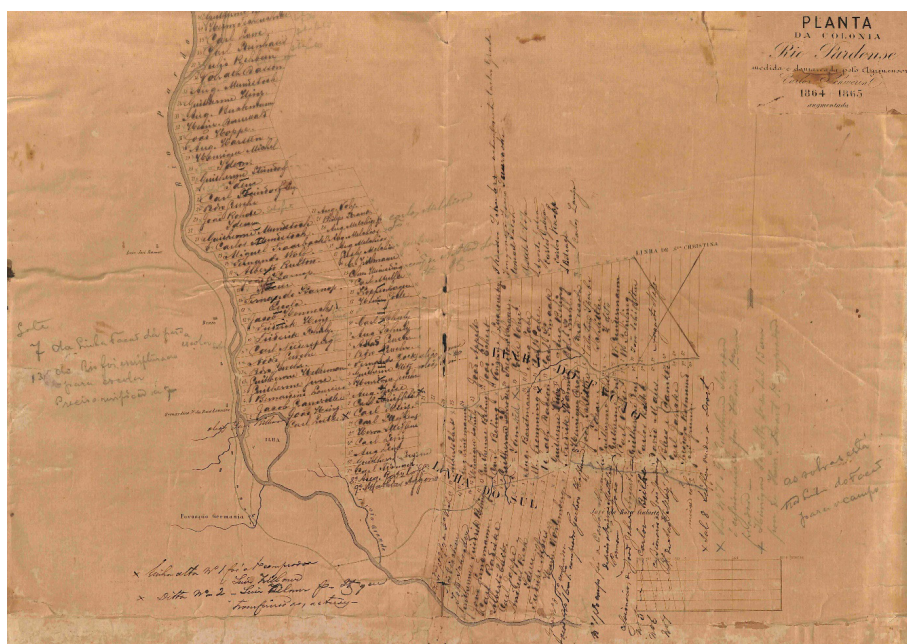
O primeiro registra os deslocamentos e os episódios ocorridos durante o principal movimento de luta armada em nosso estado, a guerra civil iniciada em 1835, e que completa 190 anos agora em 2025. Esse mapa, que contém informações importantes sobre o conflito, descreve as batalhas ocorridas, a atuação das tropas envolvidas e a dimensão do episódio sobre o

território, mostrando com clareza que se tratou de um evento de importante dimensão, o que muitas vezes não fica claro ao se abordar esse momento da história gaúcha.



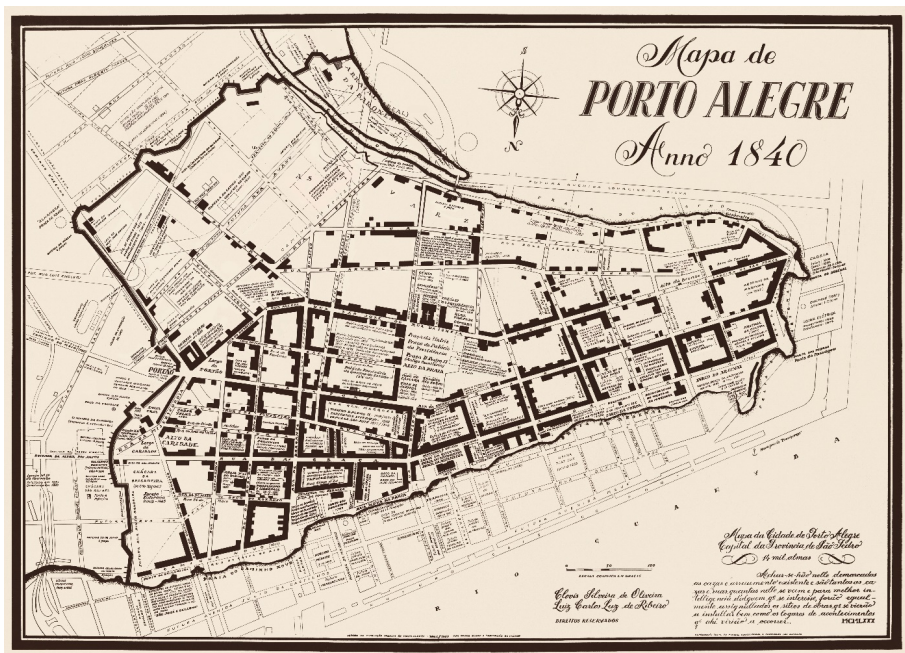
O segundo documento é uma planta que revela o processo migratório que transformou o estado num dos locais com o maior número de habitantes vindos de outras regiões, como os italianos e os alemães, episódio que completou dois séculos no ano passado. Trata-se da planta da colônia Riopardense, instalada na região de mesmo nome. Essa colônia recebeu principalmente imigrantes da atual Alemanha, os quais ocuparam os chamados “lotes coloniais”, distribuídos pelo território, como se pode ver no desenho.

Essa planta, elaborada por Carlos Schwein, datada de 1864-1865, além de ser relevante para se identificar os proprietários de cada “prazo” – denominação utilizada para descrever a área ocupada – permite também compreender a dimensão do processo, na medida em que demonstra o tamanho de cada lote e sua disposição espacial, possibilitando compreender as configurações que ainda hoje remanescem nessas localidades.



O último registro que destacamos se conecta diretamente com a temática abordada em nossa revista. Trata-se de um mapa que reproduz a região do denominado “Centro Histórico” da capital gaúcha, em 1840. Essa área, fortemente atingida pela calamidade que assolou o estado, teve grande parte de seu território ampliado através dos denominados aterros, áreas nas margens do Guaíba que foram reformuladas a fim de permitir a expansão do território ocupado.

Por essa planta, é possível identificar que o espaço do corpo d’água foi sistematicamente reduzido, o que sempre ensejou uma leitura derivada da ideia de que uma enchente nada mais era do que a resposta da água à invasão sofrida. Pela leitura da planta, no entanto, fica evidenciado que tal episódio é fruto de outras interações, pois a área que foi inundada no episódio do ano passado é muito mais ampla do que a que foi, para usar uma expressão de senso comum, subtraída ao espaço da água.



Com esses exemplos, o IHGRGS indica a relevância de sua mapoteca, que como se afirmou anteriormente já serviu de fonte de informações para inúmeros pesquisadores. Esse acervo, que está sendo reorganizado, é uma das mais importantes demonstrações da relevância do trabalho que os membros do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul vem realizando ao longo dos seus 105 anos, e está entre as mais expressivas contribuições da instituição para a produção do conhecimento, o que norteou sua atuação em todos esses anos.